

INTRODUÇÃO

A continuar uma muito frutífera relação docente e investigadora entre a Área de Filologia Galega e Portuguesa da Universidade da Corunha e o Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, sai do prelo a presente obra que reúne estudos feitos por membros das duas instituições académicas ou vinculados a elas. Foi precedido pelos trabalhos, também coletivos, *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português*, dado a lume em 2015, e *As Ciências da Linguagem no espaço galego-português. Diversidade e convergência*, publicado em 2016, ambos igualmente organizados pelos mesmos responsáveis do volume que o público tem agora nas mãos. A respeito daqueles dois livros, o presente volta a incidir nessa linha de cooperação, enquanto fortalece uns vínculos institucionais e pesquisadores já de si firmes. Em termos históricos, não podia ser de outro modo, sobretudo caso tivéssemos em conta a velha e roburenta unidade cultural e linguística da Galiza e do Norte de Portugal, já que os territórios corunheses ou brigantinos e os bracarenses estavam integrados na antiga Gallaecia, germe do reino galego medieval e, com o passar de tempo, também do Condado Portucalense.

Durante estes anos de trabalho conjunto, incluindo os textos que enformam a atual seleção de contributos, tem-se chegado a quase trinta capítulos focados em questões dialetais, discursivo-textuais, gramaticais, sociolinguísticas, pragmáticas etc., vários dos quais resultaram referenciais nas suas especialidades respetivas. Do confronto dos três livros, infere-se, por seu turno, que nem sempre puderam participar as mesmas pessoas, pois algumas incorporaram-se ao projeto já desde o início, outras (por motivos de muito diversa índole) tiveram de o deixar nalgum momento e várias é agora que felizmente se têm sumado. A todas

elas e sem exceção, os editores agradecem a sua sempre amigável colaboração e bons conselhos, bem como a confiança depositada em nós para dispormos os textos a fim de serem dados a conhecer.

As mais largas esferas semânticas dos termos *filologia* e *lingüística*, por tanto, mantêm-se neste livro como os eixos gerais que orientam a temática dos estudos editados. Há-os que abordam assuntos de gramática, ecdótica textual ou sociolinguística histórica, ao passo que figuram outros centrados em assuntos de natureza sincrónica. Entre aqueles de carácter diacrónico, enquadra-se o primeiro trabalho, da autoria de Xoán López Viñas, intitulado “Concorrenzia, rivalidade e alotropía dos sufixos nominais no galego medieval”. Nele, a se basear numa seleção representativa de obras da Idade Média, é analisada uma série de sufixos nominais nocionais em que, como consequência da produtividade, do elevado repertório e da coincidência semântico-funcional, se produz concorrência de diferentes afixos para expressarem as mesmas funções e significados. Nesta confluência sufixal, que está submetida ao fenómeno da polissemia e da alotropia, verifica-se uma situação de rivalidade sufixal que se traduz de maneira diferente segundo os casos. Como quer que seja, o próprio autor deixa claro como ponto de partida que a afixação “constitúe, sen dúbida, o mecanismo de formación de palabras máis produtivo para ampliar a masa lexical galega”, no qual “conviven dous sistemas de formación de palabras, o latino e o romance”.

O segundo dos trabalhos é “Arredor da segmentación intraversal da copulativa e nas cantigas trobadorescas galego-portuguesas”, título do contributo elaborado por Manuel Ferreiro. Tendo em conta a transcendência da segmentação como uma das fundamentais operações ecdóticas na edição dos textos da lírica profana galego-portuguesa, o autor faz uma revisão dos problemas derivados

de isolar a conjunção *e* no interior de verso. Deste modo, para além do levantamento das questões derivadas desse processo, são propostas múltiplas mudanças textuais (e/ou interpretativas) que dizem respeito à deglutinação do nexu copulativo em numerosas passagens das cantigas. Uma correta interpretação dela não é de transcendência menor, pois, como o mesmo investigador salienta, “con frecuencia [...] vai alén da consideración dunha nova unidade lingüística, porque pode ter consecuencias de tipo morfolóxico, por canto condiciona outras formas gramaticais”.

Já Alexandre Peres Vigo dá conta, no marco da sociolingüística histórica, da imagem das gentes do reino da Galiza em refrães espanhóis do século XVI em “O estereotipo antigalego cincocentista a través da obra paremiolóxica de Hernán Núñez de Toledo *Los Refranes o Proverbios en Romance* (1555)”. Para além de um achegamento diacrónico em que se explora, entre outros assuntos, a origem, transmissão e interpretação dos elementos que caracterizam a figura do “gallego” ou dos “gallegos” nesse *corpus* paremiolóxico, o autor repara igualmente em aspetos sociais como a galaicofobia espanhola do século XVI, bem como nas possíveis causas e circunstâncias que rodeiam a génese do antecitado *corpus*. Neste sentido, o trabalho finaliza vendo uma provável explicação na “campanha de desprestíxio social que a propaganda rexia, dirixida polos círculos de poder próximos aos Reis Católicos, instrumentalizou para lexitimar as súas accións políticas e militares na Galiza de finais do século XV”.

Por sua vez, o contributo de Xosé Ramón Freixeiro Mato, com o título “Unha aproximación á lingua das relacións epistolares entre a intelectualidade galega e portuguesa na primeira parte do século XX”, indaga no código lingüístico utilizado pelos intelectuais galegos na sua correspondência com escritores portugueses a partir dos epistolários de Eugénio de Castro e de Teixeira de Pascoaes. Se o primeiro

mostra que nos primórdios do século XX as classes cultas da Galiza acudiam ao espanhol como língua epistolar, as cartas com Pascoaes deixam em claro que depois da fundação das Irmandades da Fala em 1916 aqueles eruditos galegos com uma adscrição ideológica ao movimento nacionalista se dirigem em língua galega ao seu correspondente português, enquanto os que não professam esse credo político ou que mesmo estão confrontados com ele acodem à língua castelhana. Também analisa o autor algumas significativas diferenças que se produzem no modelo de galego usado. Sem qualquer género de dúvidas, a época de estudo tem o seu particular interesse porque, como expõe Freixeiro Mato, nesse período “será cando se acentúen as relacións persoais e institucionais entre a intelectualidade galeguista e a do norte de Portugal, que toman como fio argumental as afinidades étnicas, culturais e lingüísticas”.

As relações entre a intelectualidade galega e a portuguesa cedem o protagonismo a questões já mais gramaticais através do estudo “As motivacións da sintaxe na docencia”, de Xosé Manuel Sánchez Rei, em que incide em como explicar nas salas do ensino alguns caminhos que podem ser transitados ao estudar sintaxe. Para isto, a pesar de esta disciplina ter sido secundarizada nos liceus em favor da morfologia, o autor considera a sintaxe a coluna vertebral de uma qualquer língua. Depois, já mais ao pormenor, assinala diversas hipóteses para servirem de reflexão nas atividades docentes, tais como as relações entre unidades e funções, o modo em que se estruturam estas unidades, a relevância da ordem de elementos, os vínculos nem sempre fáceis entre gramática descritiva e prescritiva relativamente à componente sintática etc. Sánchez Rei vê na sintaxe uma das mais importantes disciplinas gramaticais, pois, a seu ver, foi o motor que fez com que o ser humano pudesse evoluir como ser social desde os tempos do

paleolítico: como ele próprio diz, “os primeiros indivíduos que se poden considerar representantes de *homo sapiens* tiveron de desenvolver o pensamento sintáctico para interaxiren entre eles e con outros grupos humanos de forma a se enfrontaren cos pormenores da súa vida cotiá”.

De questões gramaticais também trata Cristina Flores, a qual, em coautoria com Telma Moreira e Duarte Oliveira, discute a interiorização da categoria de género em alemão por aprendentes não nativos em “Dificuldades de aquisição do género em Alemão L2. Um estudo experimental”. Sendo considerada uma categoria de difícil assimilação, os autores apresentam os resultados da aplicação de um teste a estudantes de alemão língua estrangeira que vem confirmar a vulnerabilidade deste domínio de aquisição e a importância do conhecimento lexical do falante para a adscrição correta do género. Os autores não têm hesitações ao ponderarem a “complexidade de regras de atribuição de género, muitas vezes até contraditórias”, capazes de dificultarem uma adequada interiorização dessa “propriedade gramatical”.

A seguir, Rui Ramos apresenta um estudo no domínio do discurso político presidencial de celebração, intitulado “Discursos do Presidente Mário Soares nas comemorações do 25 de Abril (1986-1995)”, tendo como *corpus* os 10 discursos de celebração de Abril realizados por Mário Soares, aquando do exercício do cargo de Presidente da República Portuguesa. A partir da análise das isotopias mais relevantes, da orientação temporal desses textos orais, da construção discursiva do *ethos* e das imagens dos destinatários, o autor mostra as características fundamentais dos discursos presidenciais marcados por valores republicanos e uma orientação prospetiva otimista, que “fazem o elogio de uma organização política e social onde a livre iniciativa e o mérito individual se equilibram com preocupações de justiça social.”

O contributo seguinte é de Maria Aldina Marques e Isabel Margarida Duarte, as quais prosseguem o estudo da partícula *lá*, que já abordaram em trabalhos anteriores. Neste texto, intitulado “*Lá* em sequências narrativas orais”, restringem a análise às ocorrências de *lá* com valor não deítico, em sequências narrativas retiradas de três *corpora*: Português Fundamental, C-Oral-Rom e corpus Perfil sociolinguístico da fala bracarense. As autoras mostram como, nestas estruturas, *lá*, constituindo um juízo de avaliação, funciona em apoio à narração de episódios, marca eventos ou situações expectáveis, que deflacionam a tensão narrativa, porque fazem parte de conhecimentos partilhados pelos interlocutores. Assim, segundo as palavras das duas investigadoras, “nas sequências narrativas, “lá”, com valor deítico adverbial, ocorre preferencialmente na *orientação*, o enquadramento no espaço e no tempo, e, com valor modal, ocorre na *complicação* e *resultado*, com função de confirmação de uma expectativa”.

Por seu turno, o artigo de Estefanía Mosquera, “A grafía como principal estratexia compensatoria da voz na comunicación electrónica: das SMS ao Whatsapp”, é mais uma mostra dos espaços comunicativos em que o galego ganha presença e da capacidade de adaptação da língua a novas necessidades. A basear-se num amplo corpus de interações digitais e num inquérito sobre hábitos linguísticos em linha, esta investigadora realiza uma aproximação diacrónica à escrita electrónica com o objetivo de verificar se a tendência que valoriza o breve e que dá prioridade à oralidade, aos estilos coloquiais e às experimentações linguísticas se mantém nas modalidades textuais electrónicas mais recentes. Uma análise textual comparativa permite à autora comprovar que as pessoas usuárias de Whatsapp optam por continuar a interagir maioritariamente por meio de recursos gráficos alternativos já constatados nas SMS, apesar de os sistemas de comunicação atuais superarem

muitas das limitações que os originaram. Os argumentos que justificam esta preferência por parte do usuariado aludem não só à capacidade expressiva e compensatória dos recursos gráficos, mais sobretudo ao maior controlo sobre a informação que se transmite através dos caracteres do teclado. Mosquera conclui a dizer que a “existencia e a propia evolución deste código non debe ser entendida como un fenómeno lingüístico negativo que atenta contra a variedade normativa”, mais como uma “mostra evidente da vitalidade e a funcionalidade das linguas”, neste caso a galega.

Os dois últimos estudos falam-nos em cores e, nunca melhor dito, encerram a policromia metodológica, temática e teórica do presente volume de estudos linguísticos. Em primeiro lugar, José Teixeira, no texto “Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor”, parte de um *corpus* constituído por 843 inquéritos sobre as associações de cor feitas a nove provérbios sem referencialidade cromática direta. O autor procura determinar de que modo as associações sinestésicas feitas pelos falantes contribuem para o processamento do significado. Os resultados da análise mostram, segundo Teixeira, “que cada provérbio aciona uma específica paleta de cores”, ao passo que também se verifica a “sistematicidade entre determinados valores culturais e percetivos e o acionamento semântico-cognitivo das cores”.

E em segundo lugar, finalmente, Paula Teixeira Moláns, no artigo “As cores em galego: as laranxas e as violetas pertencen só ao mundo vexetal”, formula uma aproximação a um campo de estudo no galego muito pouco frequentado através de 25 informantes da região ocidental galega da Costa da Morte. O repertório de termos para a gama cromática elementar que usa a geração nova é diferente do que emprega a gente mais idosa e tal diferença não consiste simplesmente numa mudança de etiquetas, mas

afeta a extensão semântica dos próprios conceitos. Essa mudança substancial em apenas duas gerações aplica-se para além das cores básicas e atinge esferas como a cor do cabelo, a dos olhos ou a dos animais. O fenómeno tem a sua explicação na introdução do castelhano (e do inglês) no ensino e noutros âmbitos da sociedade galega, o qual está a agir como um poderoso agente de assimilação linguística. Em harmonia com este trabalho, pode notar-se que o galego “ten, cando menos, 9 termos de cores básicas” e que “as outras dúas cores do sistema universalista (laranja e violeta) son sistemáticas na xente nova, mais só se rexistran nunha porción das persoas vellas” e nunca nas mais anciãs.

Em definitivo, e já para irmos concluindo as nossas palavras liminares, o volume *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa* pretende oferecer ao público leitor interessado algumas das linhas de trabalho que presentemente se desenvolvem na Área de Filologia Galega e Portuguesa da Universidade da Corunha e no Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho. Contribuímos para o avanço no conhecimento científico e para o necessário e benéfico intercâmbio académico-docente entre ambas as instituições foram duas das principais motivações que nortearam a organização desta obra coletiva, bem como também a das duas anteriores de 2015 e 2016 citadas mais acima. Se conseguirmos atingir, ainda que fosse no mínimo, esses dois objetivos gerais, daremos por válido o esforço realizado.

Braga / Corunha, maio de 2018
María Aldina Marques
Xosé Manuel Sánchez Rei

ÍNDICE

Introdução	9
Concorrenza, rivalidade e alotropía dos sufixos nominais no galego medieval.....	15
<i>Xoán López-Viñas</i>	
Arredor da segmentación intraversal da copulativa e nas cantigas trobadorescas galego-portuguesas	29
<i>Manuel Ferreiro</i>	
O estereotipo antigalego cincocentista a través da obra paremiolóxica de Hernán Núñez de Toledo <i>Los Refranes</i> <i>o Proverbios en Romance</i> (1555).....	57
<i>Alexandre Peres Vigo</i>	
Unha aproximación á lingua das relacións epistolares entre a intelectualidade galega e portuguesa na primeira parte do século XX	89
<i>Xosé Ramón Freixeiro Mato</i>	
As motivacións da sintaxe na docencia.....	117
<i>Xosé Manuel Sánchez Rei</i>	
Dificuldades de adquisición do género em Alemão L2. Um estudo experimental	149
<i>Cristina Flores, Joana Matos, Telma Moreira & Duarte Oliveira</i>	
Discursos do Presidente Mário Soares nas comemorações do 25 de Abril (1986-1995).....	185
<i>Rui Ramos</i>	
<i>Lá</i> em sequências narrativas orais	211
<i>Maria Aldina Marques, Isabel Margarida Duarte</i>	
A grafía como principal estratexia compensatoria da voz na comunicación electrónica: das SMS ao Whatsapp	239
<i>Estefanía Mosquera Castro</i>	

Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor.... 263
José Teixeira

As cores en galego: as laranxas e as violetas pertencen só
ao mundo vexetal 293
Paula Teixeira Moláns